

A Solidão é assim

Há no mundo muita gente solitária. Os doentes, os misantropos, os rancorosos, a moça que vai a uma festa e não dança – todas estas pessoas se sentem abandonadas. A solidão é uma coisa terrível, pois é capaz até de nos causar doenças sérias e nos levar ao suicídio. Cumpre-nos por isso pensar, por exemplo, na nostalgia profunda em que pode encontrar-se um jovem qualquer ao deixar o seu lar para internar-se no colégio ou na enorme solidão imposta aos velhos ao se abrigarem nos asilos.

Quando falamos em solidão queremos nos referir naturalmente à falta imensa que temos de afinidades. Sentir-nos solitários não significa apenas estarmos sozinhos. É muito comum alguém encontrar-se só no meio da multidão. Às vezes não há lugar melhor para ficarmos isolados do que entre muita gente. É aí que a solidão prova a necessidade de amizades recíprocas e permanentes. Como não podemos viver sem afeição e companheirismo, o estado solitário chega a impedir o desenvolvimento das crianças, transformar os jovens em delinquentes e acentuar nas pessoas idosas a vontade exagerada de morrer. Quando pensamos na instabilidade humana em geral, no grande número de estranhos que se mudam para as nossas cidades, nos nossos próprios vizinhos às vezes abandonados e como que perdidos, é que descobrimos a importância dessa imensa família de Deus que é a Igreja. É muito natural que nos preocupemos a tal respeito.

Uma das nossas mais profundas necessidades é sem dúvida sermos amados. Só aprendemos a amar quando verificamos que nos amam. Vivemos do amor e da fraternidade. Certo médico confessa que, ao percorrer os asilos, fica às vezes na incerteza se o remédio que nessa ocasião receita é tão eficiente quanto o carinho que dispensa aos velhos ao visitá-los. Chega a pensar até que um cumprimento ou uma palavra amável não raro dá melhor resultado do que qualquer medicação.

Quem já leu o livro – Os Meus Seis Condenados, talvez se lembre deste trecho: “Quando conheci algo sobre a infância de Punch, um dos condenados, lembrei-me da teoria, aceita por muitos psicólogos e confirmada por inúmeras fichas médicas, ou seja, que a maioria dos que praticam o sadismo foram, quando crianças, espancados e maltratados. Antes de se tornarem criminosos, quase todos eles eram pessoas abandonadas”.

Primeiro Afinidade

Para vivermos como verdadeiros seres humanos, precisamos cultivar amizades ternas e profundas. É através delas que desenvolvemos a nossa personalidade. É correspondendo aos interesses de outras criaturas humanas que nos sentimos também criaturas humanas. São os outros enfim que nos encorajam, elucidam e engrandecem. Isto não pode acontecer com os indivíduos solitários. Afirmamo-nos como pessoas somente nos relacionando com outras pessoas. Torna-se logo evidente o menosprezo a este fato, quando consultamos qualquer relatório ou estudo moderno sobre educação. É tão acentuada a tradição humanista neste sentido que começa quase sempre considerando a criança como um ser à parte. Discute-se muito ainda hoje como relacioná-la com outras pessoas ou como torná-la realmente sociável. Mas a verdade é que a afeição precisa vir em primeiro lugar. Posteriormente é que se forma a personalidade. Não somos primeiramente indivíduos conscientes para depois nos tornarmos indivíduos sociáveis. Começamos a nossa vida como bebês inconscientes, presos aos braços de nossas mães. Foi nessa relação familiar, sendo amados por nossos pais, que nos tornamos seres individuais. São o amor e a comunhão uns com os outros que criam a nossa personalidade. A vida real, portanto, implica convivência. A solidão é justamente o contrário. Nós não somente podemos alegrar a vida dos nossos amigos e da nossa família, como também podemos participar das suas alegrias. Alimentamos pensamentos que não poderíamos alimentá-los sozinhos, fazemos coisas que não poderíamos fazê-las sozinhos, desfrutamos de bênçãos que não poderíamos desfrutá-las sozinhos. Há pessoas que são incapazes de cantar um solo, entretanto cantam maravilhosamente em coro.

A verdadeira vida é uma associação. O alcoólatra sabe que entre os abstinente ele se sente mais forte para se conservar sóbrio e que na solidão está sempre em perigo. Quando a Igreja declara que fora dela não há salvação o que está dizendo é que não podemos enfrentar sozinhos a realidade da vida. A graça de Deus e a nossa capacidade precisam andar juntas para podemos atacá-la de frente. Pelo batismo entramos não só na comunhão da Igreja como na relação íntima que há entre Deus e o homem. A solidão então se interrompe e a vida passa a estuar nas afinidades subseqüentes.

Todos são solitários

Não há apenas algumas poucas pessoas que se sentem solitárias e que precisam ser estimadas para se expandirem. Lembramos a propósito o testemunho de Thomas Wolfe, um dos maiores escritores dos últimos tempos. Diz ele: “Estou convencido de que a solidão, longe de ser fenômeno raro e curioso, peculiar a mim mesmo e a alguns outros homens solitários, é um fato importante e comum à existência humana. Quando examinamos os atos e as afirmações de qualquer pessoa não somente os sentimentos e o enlevo dos grandes poetas, bem como a acentuada infelicidade da alma em geral, evidenciada através de palavras ásperas de injúria, ódio, desprezo desconfiança e sarcasmo, que ferem constantemente os nossos ouvidos, descobrimos que toda a gente está sofrendo do mesmo mal. A causa principal de todas as suas queixas e lamúrias é a solidão”. E termina: “A essência de todas as tragédias que acontecem na vida está de fato na solidão”.

Escondemo-nos uns dos outros

Atualmente, por motivos vários, todos os homens se sentem isolados. Quer em nosso íntimo, quer em nossos próprios lares, nós nos escondemos uns, dos outros. Há naturalmente famílias ruins, cujos membros vivem numa solidão egoísta, separados por pequenos mundos de amargura. Mas sejamos honestos: mesmo nos melhores lares, onde existem as melhores amizades, nunca há perfeito entendimento.

As fraquezas das relações humanas se originam, em parte, porque precisamos expandir-nos e reparti-las com alguém e, em parte ainda, porque nem sempre podemos revelá-las. Cada um de nós tem as suas limitações e por isso, embora procuremos nos entender mutuamente, nem sempre o conseguimos. Queremos dividir com outros as nossas aflições mas não sabemos como expressar as mais profundas ânsias e temores agasalhados em nossos corações. Então Thomas Wolfe acrescenta: “Quem conhece perfeitamente seu irmão? Quem já penetrou realmente no coração de seu pai? Quem não permanece isolado? Quem não é um estranho e um solitário?”

Este é o grande privilégio dos poetas: eles podem dar vida às realidades do coração que nós, com nossas palavras inadequadas, não podemos fazê-lo. Em resumo, mesmo nos lares mais venturosos a felicidade é incompleta. Nós nunca conseguimos sair ou livrar-nos inteiramente do nosso íntimo e do nosso ego para repartir-nos com alguém. As pessoas de quem somos os mais íntimos sempre têm em si alguma coisa misteriosa. Não é somente egoísmo. Nem é apenas a insuficiência ou a limitação das criaturas. “Sou eu porventura algum deus para que possa compreender você? Ou é você algum deus para que possa me compreender?” Quando os nossos filhos partem para o internato, como é que nos comportamos? Sentimo-nos profundamente comovidos. Gaguejamos, cometemos erros e os acalentamos simplesmente para demonstrar com este gesto aquilo que os nossos lábios não podem dizer ainda que muito desejaríamos fazê-lo. “Quem de nós conhece perfeitamente seu irmão? Quem de nós não se sente um eterno prisioneiro? Quem de nós não se sente permanentemente um estranho e um solitário?”

Estamos separados

Sejamos então humildes ao tratarmos uns com os outros. Para provar que isto é muito importante, como em todas as coisas neste mundo, basta lembrar que há sempre imperfeição, uma limitação, portanto, na nossa família e nas nossas amizades. Se todos nos sentimos solitários, por que não nos conhecermos e compreendermos melhor e reciprocamente? Vivemos em solidão porque estamos separados daqueles a quem amamos e que nos amam também. Precisamos amar e ser amados. Precisamos conhecer e ser conhecidos. Precisamos de alguém que nos seja íntimo e esteja sempre ao nosso lado. Se a verdadeira vida depende de afinidade, convivência, companheirismo, conhecer uns aos outros não significará afinal suprir tão profunda carência?

As pessoas isoladas, que passam o resto dos seus dias internadas em asilos, precisarão viver apenas da esperança de uma palavra amiga do médico ou das raras visitas que recebem de outras pessoas? A solidão deverá ser o triste epílogo da sua existência, só porque aqueles a quem amaram morreram ou porque seus filhos foram obrigados a residir em outro lugar qualquer? O soldado que se encontra em território estrangeiro, cujo único amparo sempre foi a convivência incompleta com seus pais, precisará sentir-se solitário somente porque está separado deles? Se alguém se aposenta, deverá alheiar-se de toda a agitação do mundo ou tomar-se de triste solidão? Quando os nossos pais morrem ou nossos filhos se mudam para longe será que não podemos mais amar ou ser amados?

Inúmeras pessoas há que enfrentam esta experiência. Como sabem que não podem reaver as vidas que se foram, passam a julgar a sua própria vida como uma realidade sem interesse e sem atrativos. A sua existência se transforma como numa despedida das coisas e dos fatos deste mundo. Combatamos então a infelicidade da inexistência ou imperfeição das nossas relações pessoais. Tem razão Thomas Wolfe ao afirmar que isto é essencial à existência humana.

Nós nos tornamos solitários finalmente porque os fatos mais profundos da vida, por sua natureza, nos estão ocultos. Vejamos, por exemplo, o caso das nossas mais importantes decisões. Podemos aconselhar-nos com várias pessoas, mas somos nós em última instância que temos de tomá-las. É no âmago do nosso ser que se encontra a sua solução final. Por isso todos nós sofreremos sozinhos. Já pensamos nas nossas limitadas possibilidades para participarmos do sofrimento de outra pessoa? Há quem tenha tentado fazê-lo mais intimamente sem nunca ter conseguido. O sofrimento é sempre algo profundamente pessoal. Se assim não fosse, não atravessaríamos sozinhos o rio da morte. A maioria dos grandes acontecimentos da vida se tornam isolados. Wolfe está certo: a solidão é alguma coisa inevitável à vida humana.

Só há um que nos conhece

Até agora recordamos dos fatos bem claros para todos nós: primeiro, precisamos do amor e da companhia dos outros para que realmente vivamos e crescamos. É na camaradagem que se desenvolvem nossa personalidade e nossa individualidade. Segundo existe uma solidão única, para a qual o contato com outros não é o melhor remédio. Fazem-se muitos planos a respeito da nova vida. Mas isto às vezes significa uma verdadeira tragédia. Há pessoas a quem podemos afirmar: “expresse e reparta a sua vida presente”.

Todavia a outras podemos apenas dizer: “Só há um que conhece você e as intimidades da sua alma. Só há um que pode estar sempre com você na solidão e dominá-la. O palpar intenso do seu coração por amor e novos conhecimentos não será correspondido plenamente até que permita a interferência desse alguém que é pessoa perfeita e a mais capacitada para estar em sua companhia”. Ouçam-nos todos os que se acham solitários, que querem amar e ser amados, que precisam conhecer e ser conhecidos: a solidão, como o medo, é um verdadeiro inferno. Mas há alguém que conhece perfeitamente cada alma humana e de quem não devemos jamais nos separar. É Deus.

O único amigo verdadeiro

Eis então onde se encontra a verdadeira amizade. Aí está o único amigo que jamais nos desaponta. É assim que conseguimos a convivência e amizade que nos garantem a segurança, a paz e a capacidade para crer. Nós nos desiludiremos, se não pusermos os jovens, inclusive os nossos próprios filhos, em contato com esse amigo. Falharemos em relação às pessoas idosas, se, ao enfrentarem elas a doença ou a morte, nos descuidarmos em incentivá-las a orar constantemente a Deus. Sempre é trágica a solidão daqueles que não se valem do apoio de Deus. Pensemos bem nisto tudo e descobriremos o alto significado da fé cristã. Cristo pagou na Cruz o preço de tudo isto. Se a verdadeira vida exige convivência e esta só pode ser completa com Deus, então por que não nos unirmos a Ele? Crer em Deus é uma das coisas mais sublimes e importantes para qualquer homem. A fé destrói a solidão. Então quando estamos sozinhos, não estamos realmente sozinhos. A verdade que possuímos toma novo aspecto. Sempre que nos examinamos intimamente, descobrimos que desejamos estar na companhia de outros. Prova isto que a nossa vida só se completa com a amizade de outras pessoas. É verdade que às vezes desejamos nos esquivar dos demais, o que quer dizer que ninguém pode participar inteiramente dos mais profundos segredos do nosso íntimo. Mas temos de abrir a nossa alma aos outros para nos sentirmos realizados. Precisamos nos concentrar em Deus a fim de atingirmos o mesmo fim. Não somos exclusivamente seres sociais. Possuímos algumas características de ermitão, pois gostamos de ficar sozinhos em certos momentos. Todavia, ainda que apreciemos ser independentes, tendemos à convivência de uns para com os outros e com Deus. É assim que enriquecemos a própria vida.

Duas Preferências

Venerando o erudito professor, que apreciava muito as fotografias de cães, dizia sempre haver entre estes e os homens uma estreita afinidade. Os cães gostam de estar juntos. Na rua procuram uns aos outros. Mas quando um cão qualquer descobre que o dono lhe tem amizade, abandona seus companheiros naturais para ficar ao lado dele. É justamente o que acontece conosco. Desejamos e precisamos estar juntos, mas sentimos também a grande necessidade de ficar somente ao lado de Deus. Quando aprendemos estar só com Deus, fortalecemo-nos para a vida em comum. Ao nos convenceremos de que Deus nos ama, desenvolvemos o nosso próprio poder de amar e a certeza pessoal que nos induzem ao amor de uns para com os outros. Assim, ao nos encontrarmos, não falaremos apenas de coisas superficiais, mas trataremos de realidades mais profundas, as quais tornarão nossa vida mais rica e as nossas relações humanas mais abençoadas.

Ao ouvirmos então alguém repetir as palavras de Cristo “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo...”, não consideremos tais palavras como preceitos estranhos, ou como sobrecarga por demais pesada para nossos ombros, ou finalmente como uma imposição para fazermos algo que contrarie a nossa natureza. Estes mandamentos descrevem precisamente as importantes relações que acabamos de analisar. Tais relações hão de ser sempre a nossa segurança, a nossa felicidade, a nossa vida. Sem elas, haverá apenas a solidão com o seu cortejo de angústias.